

A

IFCS

Aos cuidados:

Douta professora, Katiúscia Ribeiro, professora, Mestre em Filosofia e Ensino pelo programa de Pós-graduação de Filosofia e Ensino – PPFEN – CEFET / RJ. Doutoranda em Filosofia no Programa de Pós Graduação de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais IFCS/PPGF. Coordenadora do Laboratório de pesquisa em Filosofia Africana - Geru Mãe no Ifcs/Ufrj,

Trabalho Acadêmico/Aluno ouvinte – Tema: A Ética da Filosofia Kemética em Maat, e Intercessão da Cosmologia indígena de Xapiri na Aldeia Maracanã.

Pensamento:

“Inflados por sua recente superioridade técnica, os Europeus olharam para o mundo Preto e condescenderam em não tocar nada, além de suas riquezas. A ignorância da antiga história dos Pretos, diferenças de costumes e hábitos, preconceitos étnicos entre duas raças que acreditavam estarem frente a frente, pela primeira vez, combinados com a necessidade econômica de explorar - tantos fatores predispôs a mente do Europeu para distorcer a personalidade moral do Preto e suas aptidões intelectuais. [...] A Partir de então, "Negro" tornou-se sinônimo de ser primitivo, "inferior", dotado de uma mentalidade pré-lógica. Como o ser humano está sempre ansioso para justificar sua conduta, eles foram ainda mais longe. O desejo de legitimar a colonização e o tráfico de escravos - em outras palavras, a condição social do Negro no mundo moderno - engendrou toda uma literatura para descrever os então-chamados traços inferior do Negro. A mente de várias gerações de Europeus seria, assim, gradualmente doutrinação, a opinião Ocidental seria cristalizada e, instintivamente, aceita como verdade revelada a equação: Negro = humanidade inferior. * [* - "Negro, Negra (Latin *niger* : preto), Para coroar este cinismo, a colonização seria retratada como um dever da humanidade. Eles invocam a "missão civilizadora" do Ocidente carregado com a responsabilidade de elevar o Africano para o nível de outros homens [conhecida por nós como "o fardo do homem branco"]. A partir de então, o capitalismo teve liberdade para praticar a mais feroz exploração sob o disfarce de pretextos morais”.

A Cheikh Anta Diop, A Origem Africana da Civilização Mito ou realidade

Agradecimentos

A Mestra em Filosofia e Ensino pelo programa de Pós-graduação de Filosofia e Ensino – PPFEN – CEFET / RJ. Doutoranda em Filosofia no Programa de Pós Graduação de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais IFCS/PPGF. Coordenadora do Laboratório de pesquisa em Filosofia Africana - Geru Mãe no Ifcs/Ufrj, pela oportunidade de permitir participar como aluno ouvinte, de suas aulas as quarta feira, das 17:00h as 20:00h, que se realizaram no Largo de São Francisco, Centro do Rio, que me permitiu ampliar o meu olhar a partir da Filosofia Kemética, em particular o texto usado em sala de aula: Apoio à identidade, cultura e história sem dominação global de Moleti Kete Asante e Amenemope, o Coração e a filosofia, ou, a cardiografia (do pensamento) de Renato Nogueira. Agradecimento especial a professora IFCS, Aza Njeri, também pela oportunidade de participar com aluno ouvinte, as terças feira, 10:00h às 12:00h em particular fazendo nos refletir, posicionar-se sobre o tema: a Humanização do Negro na Sociedade Brasileira. Aos amigos do NAE/Letras UFRJ - em particular ao professor: Tchinho Kaabunke, pelas aulas aos sábados sobre Diáspora Africana, o que me permitiu ampliar meu horizonte sobre o matriarcado em contraposição ao patriarcado. Ao professor Trajano Ribeiro, da FEUDUC- Duque de Caxias, pelas aulas de extensão universitária e pós-graduação sobre ensino de Ciências Sociais e Estudo da Religião, fazendo abrir os horizontes e compreender que o professor deve ser imparcial, impessoal, principalmente sobre a temática proselitismo religioso. A Davi Kopenawa, Xamã yanomami, pela riqueza da cosmologia indígena, escrita no Livro: A Queda do Céu, palavras de um Xamã yanomami, onde fui buscar respostas a cosmologia indígena. A minha família e meus filhos: Ana Clara Paz Araújo Cunha, (criação), Walisson de Almeida e Ana Beatriz Paz Araújo. A ASFUNRIO – Associação de Servidores da SMDS e do Fundo Rio, pelo apoio logístico e material para edição de documentários. A AULA- Associação Universitária Latino Americana, cuja a meta para 2019: É a criação de Cursos de Extensão Universitária sobre o tema: africanidades e indigenismo. A ONG, Baia Viva, Sergio Ricardo e Tarciso Feitosa, pelo apoio espiritual de luta. A Dilmar e Dava, Puri, pelos diálogos franco. Aos comentários de Mario Thurler, Vice-presidente da AULA. E por último: Ao CEDIND – Conselho Estadual de Direitos Indígenas do Estado do Rio de Janeiro, pelos desafios em construir o futuro.

RESUMO

O objetivo deste artigo é aprofundar a filosofia kemética em Maat, a filosofia crítica ao pensamento lógico, racional em contraposição ao pensamento equilibrado, oculto, não estruturado, não lógico. E para alcançar esses objetivos, analisaremos o artigo de Molefi Kete Asante, cujo o título: “Apoio a identidade, cultura e história sem dominação global e o ideal egípcio em Maat”, que nos diz tudo. Segundo a filósofa Katiúscia Ribeiro: “O texto abre várias possibilidades que vão além da tolerância pelo outro rumo ao profundo respeito aos povos, sejam eles africanos ou ameríndios”. Buscaremos também, através do estudo da cosmologia indígena, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, em (A Queda do Céu), palavras de um xamã yanomami, confrontar, contrapor, analisar, especificamente no capítulo que trata da menção do Xapiri. E através desse paralelo buscar uma resposta política, satisfatória, a criação de Um Centro de Referência da Cultura Indígena/Universidade indígena, no Antigo Museu do Índio, que se encontra abandonado e ocupado por indígenas e apoiadores da causa indígenas. O espaço em epígrafe, tem sido objeto de uma luta jurídica/política entre as lideranças indígenas, poder público, iniciativa privada, poder legislativo, para uma ocupação ordenada do espaço. Recente, tivemos a presença inloco do deputado Rodrigo Amorim do (PSL) na Aldeia Maracanã, destilando ódio com declarações racistas contra os povos ocupantes, afirmando que a Aldeia Maracanã era “Um Lixo Urbano”. Amorim ainda aproveitando a presença de vários líderes mundiais na posse do presidente eleito Jair Bolsonaro, para “mandar os parlamentares da esquerda na (ALERJ) do Rio de Janeiro, para Bolívia”, pois lá tinha um índio presidente comunista. Tal declaração foi objeto de repulsa por parte das autoridades Bolivianas, o que levou o presidente Evo Morales, denunciar a postura racista do deputado, a ONU, por se tratar de crime de Estado. A ministra Boliviana das Comunicações, Gisela López, da Bolívia, também ratificou as críticas como também postou no Twitter que faltava postura política: “São palavras que demonstram cegueira e pobreza espiritual”. Na mesma sintonia: José Guajajara, em entrevista ao Jornal de Fato, disse que aquele território, “Casa Grande”, já foi no passado um cemitério indígena. Dadas as premissas gerais, buscaremos através do estudo da cosmologia afro-ameríndias, encontrar respostas em “Maat e Xapiri”, para o abandono do imóvel “Aldeia Maracanã; A falta de interesse da valorização do antigo Museu do Índio; Como também: tentar encontrar uma resposta a falta de espírito público das autoridades, em ano que se comemora 454 anos de Fundação da

Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em que índio é só lembrado no dia 19 de abril.

Palavras Chaves: Aldeia Maracanã, Xapiri, Maat, ancestralidade, auto-gestão, racismo, controle social, comunicação intercultural, e comunicação global.

Introdução: Aos 518 anos, data em que comemoramos a ocupação eurocêntrica em nosso território brasileiro, damos início a uma nova civilização com a ocupação do homem branco. E não foi pacífica essa ocupação, pois o estrangeiro que se apossou, produziu extermínio, estupro e destruição do ecossistema, proibindo inclusive aos povos afro-ameríndios, respeito a seus (costumes, danças, tradições culturais, cânticos, religiosidade, alimentos), pois, a sua natureza peculiar incomodava ao homem branco. Ainda hoje, vemos esse homem culto, depredador, poluidor, castrador, machista e patriarcal, estigmatizar o povo negro indígena, para que ele se torne branco, por conseguinte: aceite a destruição da natureza em troca de riqueza e mercadoria. Davi Kopenawa, vai dizer que esse homem urbano, da mercadoria, que tem relação com o ser/ter, tem um propósito bem definido: “a venda da terra; a destruição da fauna e ecossistema justo e equilibrado”. Partindo de um pressuposto lógico e racional. Esse homem branco, católico e/ou evangélico, está no “Poder de Estado” no governo Brasileiro. Ou seja: quem está na ponta, nas camadas mais periféricas, nos presídios, mortos, são corpos negros e indígenas. E isso não acontece por acaso: pois quem legisla e faz as leis no país, são pessoas brancas, privilegiadas, por dispor de melhores condições socioeconômicas. O castigo, o acoite, o extermínio de corpos negros continuam nos dias atuais. Só que agora, o senhor feitor, o capataz mudou: as prisões desses corpos são dadas por homem branco, na qualidade de juiz togado. O extermínio desses corpos pretos, ficam a cargo das milícias e a polícia. Mas, qual é o nó, o grande gargalo que sofrem o povo afro-indígena? O grande problema é a reparação, a indenização ao povo negro e indígena por terem sido usado como moeda de troca barata como escravo. Até pouco tempo, os afro-ameríndios não poderiam professar a sua fé, por ser coisa do diabo, demônio. Cultuar a ancestralidade para o branco, é coisa de primatas, ignorantes, que não pode ser tolerado, e, por conseguinte: deve ser criminalizado e discriminado. Embora a CRFB/88, trouxe avanços para os povos afro-indígenas, com a positivação de princípios gerais, quando menciona no Art. 5º, dentre outras cláusulas pétreas: o direito de ir e vir, reunião, manifestação, eleição, votar, associar, cultuar seu credo, sem discriminação de raça, cor, portador de deficiência, gênero, número, grau. Na prática, a equidade, igualdade, liberdade, não foi

dada ao povo negro e indígena, pois, continuam sendo preteridos nos altos escalões do governo, empresas, universidades, nos melhores empregos apesar da política de quotas.

E para sair desse ostracismo, os afro-ameríndios reivindicam uma postura ativa, de luta, pelo reconhecimento e pelo direito de cultivar seus ancestrais, e ter um lugar ao sol, para plantar, cultivar, cultivar seus deuses e seus mortos. E para alcançar essa vitória, as comunidades quilombolas, indígenas, lutam por “reforma agrária”; agricultura familiar, escoamento dos seus produtos sem agrotóxicos no meio urbano; melhores condições de competitividade na educação; saúde, o reconhecimento de seus territórios com demarcações de terra.

Os desafios são muitos, já que com a eleição do novo presidente Jair Bolsonaro, o embate contra os homens da bala, bíblia e boi, vão se intensificar e ficar mais difícil para as minorias. Pois, o novo governo vem nomeando ministros, assumidamente contra os negros e povos da floresta. Vários ministros tem feito declarações contra a demarcação de terras indígenas e quilombolas, além do incentivo a compra de armamento pelos fazendeiros, além do incentivo ao ódio ao povo negro e indígena.

No Rio de Janeiro, estamos consolidando o CEDIND, Conselho Estadual dos Direitos Indígenas, para discutir políticas públicas e violações de qualquer natureza à comunidade indígena. Ao todo são 24 membros: 12 (doze) representantes do governo, 6 (seis) instituições de representação das questões indígenas e 6 (seis) de comunidades de Aldeados, além da participação da Funai, Universidades, Defensoria Pública e outros. No presente já aprovamos o RI, (Regimento Interno), e estamos agendando reuniões descentralizadas no campo e na cidade, para tratar de políticas públicas na área de educação, territórios, habitação, saneamento, saúde e comunicação. Um dos maiores desafios nessa nova fase é tornar o “Conselho Deliberativo”, com apoio logístico e orçamentário; Além do diálogo com as autoridades, movimentos sociais para tratar de questões que digam respeito a cultura e identidade ameríndia. O CEDIND, já está em elaboração de calendário de reunião para tratar de assuntos diversos, uma delas é “Aldeia Maracanã”, bem como: a criação de um Centro de Convivência/Universidade Indígena. Esperamos com esse artigo, fomentar a discussão na valorização da nossa cultura, trazendo Maat, deusa da equidade africana e Xapiri, o encantado da floresta, para pensarmos na nossa realidade, partindo da ideia de Asante: “a ideia relacional africana fundamental, funciona

para criar uma sociedade humana não dominadora e não combativa”. Assim Maat, significa: “a verdade, justiça, ordem, equilíbrio, harmonia e reciprocidade”. E eles servem apenas para indicar possibilidades de os outros tenham construções semelhantes. O espírito de Xapiri, o encantado da floresta na “Casa Grande Aldeia Maracanã”, vem ao encontro dos ancestrais, que luta para fazer justiça a memória ancestral. Segundo Kopenawa: “Na floresta, a ecologia somos nós, os humanos. Mas também, tanto quanto nós, os xapiri, os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol. É tudo o que veio a existência na floresta, longe dos brancos; tudo o que ainda não tem cerca”.

A Ética da Filosofia Kemética em Maat, e Intercessão da Cosmologia indígena de Xapiri na Aldeia Maracanã.

Aldeia Maracanã: Em plena selva de pedra vertical, em terreno valioso, um antigo museu do índio, em ruínas espera para ser demolido ou reconstruído pelas autoridades competentes. “O prédio onde funcionava o Museu do Índio foi construído pelo Duque de Saxe em 1862 e doado em 1910 ao Serviço de Proteção aos Índios, órgão estatal comandado pelo Marechal Rondon, quando de sua criação, em 1910. O objetivo é que o espaço fosse uma área de preservação da cultura indígena brasileira. Inicialmente, o prédio abrigou a sede do órgão federal, e posteriormente, entre 1953 e 1977, abrigou o Museu do Índio, criado por Darcy Ribeiro. Após essa data, o museu foi transferido para Botafogo e o prédio ficou abandonado”. E a partir de 2006, várias lideranças indígenas ocuparam o imóvel abandonado com o objetivo da criação de Um Centro de Referência dos Povos Originários.

Com a prisão do Ex. governadores “CABRAL e PEZÃO”. Podemos concluir que algumas conquistas foram alcançadas: dentre elas: A criação do CEDIND (Conselho Estadual dos Direitos Indígenas) órgão paritário governo e sociedade civil; a sua não demolição para criação de uma garagem para atender um Shopping Center e a possibilidade da Criação de Um Centro de Referência/Universidade Indígena. Este último dependendo de uma articulação com o novo governo eleito Wilson Witzel.

Mas, que fatos novos aconteceram recente, que pode vir em contraposição a demanda dos povos originários?

Recente, fomos surpreendidos com a declaração do Deputado Estadual eleito, Rodrigo Amorim (PSL), que afirmou à imprensa,

que o antigo museu do índio: “que o terreno de 14,3 mil metros quadrados é um “lixo urbano” e que é necessária uma “faxina” no local para “restaurar a ordem”.

Finalizando, o mesmo acrescenta: “O espaço poderia servir como estacionamento, shopping, área de lazer ou equipamento acessório do próprio estádio do Maracanã. Como carioca me causa indignação ver aquilo do jeito que está hoje”. E finaliza dizendo em um jargão preconceituoso: “Quem gosta de índio, que vá para a Bolívia, que, além de ser comunista, ainda é presidida por um índio”. E conclui: “Tem muitos mendigos, cracudos, ali ninguém é índio”. A matéria dada ao Jornal o Globo, foi confirmada pela jornalista Beatriz Peres, do Jornal O DIA e em declaração em vídeo. “Eu e meu amigo deputado... vamos acabar com os focos de doenças e valorizar o lugar com a criação de um Shopping Center” ...Vamos expulsar os militantes de esquerda e enviá-los para Bolívia, pois, lá é que estão os comunistas”, disse. O presidente da Bolívia, Evo Morales ficou transtornado com a ironia do representante parlamentar e prometeu denunciá-lo na ONU (Organização da Nações Unidas), por racismo de estado. Segundo Morales: “Lamentamos o ressurgimento da ideologia de supremacia racista. Nós povos indígenas promovemos o respeito e a integração. Temos os “mesmos direitos porque somos filhos da mesma Mãe Terra”. A ministra Boliviana das Comunicações, Gisela López, também se manifestou no Twitter, questionando a colocação racista do deputado, quando mencionou: “despreza com ignorância nossos antepassados, os verdadeiros donos da Pátria Grande, com palavras que demonstram cegueira e pobreza espiritual”. O nome Marakana em yanomami, é Casa Grande, onde Kopenawa costumava receber o Xapiri deitado em uma rede.

A professora de Filosofia do IFCS, Katuscia Ribeiro vai dizer: “A cosmologia africana e a indígena estão muito próximas. E o recado hoje, é que a luta contra o racismo, o direito a viver com dignidade, com respeito a diversidade, são característica do povo negro e povos ameríndios”.

Se o continente africano e americano foi e é predominantemente indígena, por que a discriminação a sua espiritualidade? O segmento evangélico pentecostal vai dizer: “é coisa do demônio”. E ai vale tudo para silenciar, difamar, expulsar, assassinar, o povo negro e/ou os povos da floresta, por uma questão de dominação e aculturação?

Buscando encontrar uma resposta em Xapiri, o encantado da floresta, me perguntei? Esse jogo... Este agito... Necessita de

equilíbrio: pois, estamos pensando com o racional, o lógico, de punir, espremer, mandar, fazer e obedecer, matar... Bem ao estilo ocidental, ao rigor da Lei. Diria Katiuscia Ribeiro, que essa posição dos brancos nós conhecemos: “é a visão eurocêntrica de mundo” e nos discordamos com veemência, pois, “o ocidente não é o centro do mundo, pois a África é a civilização mais antiga, e o ocidente copiou, modificou, transformou, o legado egípcio, que era africano”.

Mas, se a articulação com a espiritualidade em Maat e Xapiri está oculta, e só pode ser sentida pelos indígenas e negros africanos pela similaridade. Como então classificar filosoficamente a filosofia intercultural de comunicação? Buscando a resposta em Molefi Kete Asante, no artigo: Apoio a identidade, cultura e história sem dominação Global, o mesmo vai dizer: “A maioria dos comunicadores aceita a ideia de que os humanos compartilham a mesmice. Uma das idéias operacionais da comunicação intercultural é que devemos tratar os outros como se fosse os mesmos que nós”. Penso então: os povos ameríndios devem ter o mesmo estilo de vida do branco, as mesmas crenças? Com relação a essa indagação, Asante vai dizer: “Mas eu sou negro”, O fato de a pessoa branca procurar estabelecer a mesmice é louvável apenas em uma cultura de superioridade onde a pessoa que faz a declaração é realmente dizendo: “Você parece ter os mesmos estilo culturais, comportamentos, valores e roupas que eu tenho”. Em outras palavras, Asante diz que a comunicação nunca é pelo respeito a diferença, pela alteridade, “mas expressamente pela busca da uniformidade com base para uma ideia universalizada de comunicação”. É conclui rejeitando o argumento lógico e racional: “É isso que rejeito a favor das diferenças culturais. (Talvez este espaço de Maat trabalha melhor, nas trincheiras comunicativas onde nos encontramos como novidades para serem apreciadas, respeitadas e vistas como exclusivamente humanas sem ter que se tornar o mesmo.” Mas onde encontrar Maat, na nossa cosmovisão a partir dos cinco elementos principais da cosmologia egípcia?

Bom, na qualidade de Conselheiro e representante dos povos da floresta no contexto urbano, e diante da narrativa africana penso? O povo africano no antigo Egito pensava com o IB, (o coração), pois, foi com uma gota de sangue no útero materno que nasci; Devo valorizar (o Ren), meu nome para viver para sempre; perceber o Sheuti (a sombra), que me acompanha todos os dias; O Ka, a vida na passagem para a morte, (o elo vital) que mantenho segredo para alcançar a vida... E o Ba, abrindo caminho para além da morte... O que leva o humano acender à outro plano astral, a querer um

passagem para outra atmosfera? Contam que Maat, pesa o nosso coração com uma pena de pavão. E o nosso corpo não pode pesar mas que uma pena de pavão, pois, se isso acontecer estamos impuros, sem condições de acessar o mundo espiritual. Daí é necessário toda uma preparação, sentir, o que o corpo que pedir. Na verdade, Asante vai dizer que Maat, não é uma questão normativa, esquemática, e por isso o homem branco, ocidental tem dificuldade de entender.

Mas qual paralelo posso fazer hoje com Aldeia Maracanã, partindo de uma narrativa de reportagem do “Jornal Brasil de Fato? Na entrevista com o Cacique José Urutau, liderança indígena que segue em ocupação e resistência sobre a “comunicação intercultural”. Diz Wurutal. “Vieram mexer com a nossa espiritualidade, esse local é um patrimônio espiritual para a gente. Aqui viviam os povos Maracanã e Tupinambá; Aqui era um grande aldeamento. Nós não viemos até o Maracanã, a cidade que veio até nós. A cidade é um grande cemitério indígena que nos engoliu. Nós aqui não temos estrutura nenhuma, mas seguimos lutando”, explica. Buscando sintonia com a ancestralidade com Maat e Xapiri, eu diria com palavras de um xama? “Visitei o lugar que frequentei no passado. Aqui na Aldeia Marakana tinha uma “Casa Grande,” muitas crianças que moravam nessa comuna. Mas como recordar que os ancestrais estão na Aldeia Maracanã? Não posso afirmar com o lógico, o legal, o racional do branco, pois: habitam nos escombros das ruínas do Antigo Museu do Índio, os espíritos da floresta e eles vem em forma de pássaro. E esse pássaro tem um significado para os estudiosos da filosofia egípcia, (cara de humano e corpo de avestruz). Na cultura yanomami, os encantados vem do alto em forma de pássaro (com cara de animal e corpo de humano). “Ambos vem do céu, em forma de gavião (koimari), e sempre nos olha de cima baixo”, diz Kopenawa. Nessa guerra fratricida do bem contra o mal, de Anúbis e Xapiri contra os mortais devemos ficar atentos, “pois os Xapiris, são muitos, e quando estão enfurecidos: “logo se põem a aumentá-las a golpe de facão, para poder entrar em maior número de Xapiri.” E continua: E essas habitações tem um único nome de espírito, mas os que nela vivem, todos semelhantes, são inúmeros. Existem Xapiri bons e maus”. Será que os que rondam dentro e fora da Aldeia Maracanã, são espíritos maus? Com relação aos espíritos diz Kopenawa: “Numa casa de espíritos, as habitações dos espíritos maléficos ficam pendurados ao ponto mais alto do teto, para além faz costas do céu, ao passo que as de espíritos bons estão situados na parte de

baixo da casa. Os Xapiri famintos de carne humana devem ser mantidos á distancia, pois são muito perigosos e ferozes... Esses Xapiri agressivos são as imagens de seres maléficis, que fazemos descer para nos vingar. Além de suas armas assustadoras, possuem várias coisas de doenças. O espírito do céu Hutukarari, por exemplo: enfia na imagem das suas vítimas, lascas brilhantes de estrela, de que ninguém pode ficar curado.”

Diante do quadro apresentado cabe indagarmos? Será que as pessoas de bem, ‘espíritos bons’, conseguem contrapor ao homem da mercadoria em plena megalópole? Diante da “selva de pedra” e “sem floresta”, os homens da mercadoria, estão preocupados com os índios, e ocupantes da Aldeia Maracanã? Essa resposta tem uma grande amplitude, mas pessoalmente acredito que não.

Então vejamos o que diz o Amorim, em um vídeo nas redes sociais: “ai não tem índio, tem lixo em uma área nobre. O Centro de Referência dos Povos Tradicionais, não podem estar em um lugar tão valorizado.”

Mas se estamos tratando de seres ocultos se manifestando, o que diria Davi Kopenawa? “Os Homens Brancos... precisam vir falar comigo. Sou representante do meu povo, da Nação yanomami... O que eu falo como Xamã, falo por que o XAPIRI me mandou dar um recado ao branco, pois o Céu caíra sobre suas cabeças.” Continua: O homem branco só acredita no que está escrito na cascara da arvore”, diz. Em uma folha de papel”.

Considerações finais: A aldeia Maracanã (é tema central) dentro do “espaço urbano” muito valorizado na cidade, em ano que se comemora 519 anos de “colonização portuguesa”. Será que chegou a hora do povo “Carioca” se manifestar, em uma espécie de ressurgência, em um grito de guerra, oculto, que está no imaginário popular?

A cidade do Rio de Janeiro foi fundada em 1565 por Estácio de Sá, que deu o nome de Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. As antigas habitações deram lugar a edifícios, transito congestionado, poluição do ar, poluição visual, e ainda se depara com a falta de ordenamento urbano que é de competência do agente público.

A temática “Aldeia Marakana, Casa Grande”, acredito: deve ser pauta para discussão do CEDIND (Conselho Estadual dos Direitos Indígenas). Entendo que as assembleias devem ser aberta a sociedade civil organizada... (aldeados e não aldeados), legislativo e

executivo. Pois a problemática não se resolve com medidas de força, polícia e autoritarismo. O Estado do Rio de Janeiro todos sabem: está passando por uma crise nas suas “finanças”, insolvência e uso irregular do dinheiro público. E só vamos conseguir avançar em uma agenda de resultados, com dialogo. Já é um avanço ter esse conselho que conta com um RI (regimento interno), com diversas comissões em formação: educação, saúde, meio ambiente, comunicação, territórios e outros... Interiorizando o Xamã eu diria: Na verdade estamos em pleno aprendizado das artimanhas de XAPIRI, que dita o jogo. Então, vejamos em a Queda do Céu de Davi Kopenawa, matando a charada: “Quando eu era criança, os brancos subiram os rios e começaram a fazer morrer nossos antigos em grande número. Depois voltaram de avião e helicóptero. Então suas fumaças de epidemia, mais uma vez, fizeram morrer muito de nos. Agora, eles tinham resolvido abrir suas estradas até o meio da nossa floresta, e suas doenças iria com certeza devorar os que tinham subdividido... Dizia a mim mesmo: os brancos rasgam a terra da floresta,” e continua: Derrubaram as arvores e explodem colinas. Afugentam a caça. Será que agora vamos morrer das fumaças da epidemia de suas maquinas e bombas”, disse. Creio que pensar em uma solução eficaz, passa pelo dialogo: poder público, ocupantes, movimentos sociais, aldeados e indígenas no contexto urbano e a imprensa. O canal de interlocução foi criado com a criação do CEDIND. Basta agendar, buscar parcerias público e privado, gerar conhecimento com universidade, além de escolher uma instituição que pode ser privada para gerir o espaço. Afinal: temos mascara branca, cara de branco em corpos negros. Rio, 13 de janeiro, 2019 DC

REINALDO DE JESUS CUNHA – Conselheiro - AULA

CEDIND- Conselho Estadual dos Direitos Indígenas do Estado do RJ

Referências Bibliográficas:

Molefi Kete Asante: Apoio à identidade, cultura e história sem dominação global, Asante, é professor de Estudos Afro-Americanos na Temple University. Ele é autor de 70 livros sobre vários aspectos da cultura de comunicação e política. Seus interesses são a cultura africana, a comunicação intercultural e a retorica do poder.

A QUEDA DON CÉU – Palavras de um xamã yanomami – Davi Kopenawa e Bruce Albert.

Jornal O Dia - <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/01/5608856-liderancas-indigenas-e-autoridades-bolivianas-reagem-a-fala-polemica-de-rodrigo-amorim.html#foto=1>

Jornal O Dia - <https://odia.ig.com.br/brasil/2019/01/5608250-apos-declarar-que-aldeia-maracana-e-um-lixo--rodrigo-amorim-diz-que-respeita-indigenas.html>

Jornal O Globo - <https://oglobo.globo.com/rio/aldeia-maracana-lixo-urbano-quem-gosta-de-indio-va-para-bolivia-diz-rodrigo-amorim-23345028>

Brasil de Fato - <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/11/bolivia-denunciara-brasil-a-onu-por-racismo-de-estado/>

Brasil de Fato - <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/09/saiba-mais-sobre-a-aldeia-maracana-alvo-de-ataques-no-rio/>

Ancestralidade Degenerada em Lixo Urbano – Aldeia Maracanã - <http://www.aula.org.br/Editorias2019/especial/02.htm>